

TERMINOLOGIA MONO/BI/MULTILINGÜE: ALGUMAS PROPOSTAS E REFLEXÕES REFERENTES ÀS UNIDADES FRASEOLÓGICAS ESPECIALIZADAS

*Cleci Regina Bevilacqua**

RESUMO: A fraseologia da língua comum tem sido objeto de estudo para os tradutores já há algum tempo, pois implica, entre outros aspectos, a busca de equivalências entre unidades sintagmáticas de culturas e línguas diferentes que nem sempre são fáceis de ser identificadas. Nos últimos anos, além das unidades fraseológicas da língua comum, vem merecendo atenção a fraseologia especializada. Acreditamos que uma das razões para este interesse é o espaço que a Terminologia vem conquistando como instrumental básico e indispensável na tradução de textos especializados. Considerando, portanto, a terminologia como uma ferramenta importante no processo tradutório e as novas propostas referentes à teoria terminológica, de caráter comunicativo, sociolinguístico e sócio-cognitivo, apresentaremos algumas questões referentes à fraseologia especializada e à sua interface com a tradução de textos especializados. Para tanto, num primeiro momento, apresentaremos uma definição das Unidades Fraseológicas Especializadas e suas propriedades. Em seguida, mencionaremos alguns elementos que justificam sua importância no processo tradutório e, finalmente, apresentaremos algumas questões referentes à representação da fraseologia especializada em obras mono/bi/multilíngües bem como a sua inclusão como conteúdo a ser trabalhado nas disciplinas dos cursos de Tradução.

* Professora do Instituto de Letras da UFRGS, pesquisadora do Projeto Termisul e doutoranda do Instituto Universitário de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra (Barcelona).

UNITERMOS: unidades fraseológicas especializadas; fraseología especializada; terminología; tradução.

RESUMEN: La fraseología de la lengua general se ha convertido en un objeto de estudio para los traductores hace algunos años, puesto que presupone, entre otros aspectos, la búsqueda de equivalentes entre unidades sintagmáticas de culturas y lenguas distintas que no siempre son fácilmente identificados. En los últimos años, además de las unidades fraseológicas de la lengua general, también se ha observado el creciente interés por la fraseología especializada. Creemos que una de las razones que justifican este interés es el espacio que la terminología ha venido conquistando como instrumento básico y fundamental en la traducción de textos especializados. Considerando, por tanto, la terminología como una herramienta importante en el proceso traductor y las nuevas propuestas referentes a la teoría terminológica, de carácter comunicativo, sociolingüístico y sociocognitivo, plantaremos algunas cuestiones referentes a la fraseología especializada y a su interfaz con la traducción de textos especializados. Para ello, presentaremos, en un primer momento, una definición de las Unidades Fraseológicas Especializadas y sus propiedades. A continuación, mencionaremos algunos elementos que justifican su importancia en el proceso traductor y, finalmente, propondremos algunas cuestiones relativas a la representación de la fraseología en obras mono/bi/multilingües así como a su inclusión como materia que debe ser tratada en las asignaturas de los cursos de Traducción.

PALABRAS CLAVE: unidades fraseológicas especializadas; fraseología especializada; terminología; traducción.

O objetivo deste texto é fazer algumas reflexões e propostas relativas à terminologia bilingüe e multilingüe e, mais especificamente, às Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE), levando em conta as novas perspectivas terminológicas de cunho comu-

nicativo. Em primeiro lugar, apresentaremos o que entendemos por UFE; em segundo, mencionaremos alguns pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Cabré (1999 e 2001), que permitem, por um lado, justificar a inclusão do estudo da fraseologia especializada no âmbito da terminologia e, por outro, indicar elementos que fundamentam sua importância no processo tradutório. Finalmente, apresentaremos algumas questões sobre sua inclusão em dicionários mono/bi/multilíngües e sobre a necessidade de considerá-la como um conteúdo a ser ensinado aos tradutores.

Um dos problemas com que os tradutores se defrontam é o uso correto de Unidades Fraseológicas em geral¹ e, em particular, das Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE). Em estudo anterior (Bevilacqua, 1999), pudemos constatar que há dois grandes tipos de unidades fraseológicas especializadas. Um primeiro tipo corresponde, predominantemente, a unidades sintagmáticas como *cliquear o mouse*, *de cúbito ventral*, *ambientalmente nocivo*. Um segundo tipo inclui formulações equivalentes a frases ou orações próprias de determinados discursos como o jurídico e o administrativo (*esta lei entra em vigor na data de sua publicação*, *coloco-me a sua inteira disposição...*).

Apesar da existência dessas duas possibilidades, nos centramos especificamente nas unidades fraseológicas do primeiro tipo, ou seja, as sintagmáticas. Essas unidades se caracterizam pelas propriedades seguintes:

- são unidades sintagmáticas formadas por um ou mais de um termo, que denominamos de *núcleo terminológico* (NT), e um *núcleo eventivo* (NE), assim denominado por ser procedente de verbo (verbo, nominalização e participípio);
- o NT representa um nó de conhecimento na estrutura conceitual de um âmbito especializado, tem valor referencial e

¹ A gama de unidades que podem ser consideradas como fraseologia da língua comum é ampla, podendo incluir provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações, etc. Para uma revisão das Unidades Fraseológicas da Língua Comum, ver Bevilacqua (1996).

categoria nominal e possui um caráter denominativo (*calor, energia, energia solar, luz, radiação, raio, sol, etc.*²);

- o NE é de categoria verbal ou derivada de verbo (nominalização ou participio) e denota atividades, ações e processos próprios de determinada área de conhecimento ou temática;
- entre estes dois núcleos se estabelecem relações de tipo sintático, mas principalmente de caráter semântico determinado pelas condições pragmático-discursivas, o que confere à unidade um caráter estável, isto é, de unidades semifixas;
- são, portanto, unidades que se conformam pelo e no discurso em que ocorrem, ou seja, passam a ter valor especializado pelas características do texto em que são utilizadas, principalmente pelos aspectos pragmáticos como a temática e a situação comunicativa (interlocutores envolvidos, finalidade dos textos e graus de especialização);
- conseqüentemente, podem ser consideradas como Unidades de Conhecimento Especializado (UCE),³ passando a ter um caráter de unidades transmissoras de conhecimento específico de uma área de conhecimento.

Nessa definição, salientamos que, dadas as condições pragmáticas, não apenas o NT possui valor especializado, mas também o NE e, em decorrência, a unidade como um todo adquire este valor. Por esta razão, acreditamos que os fatores que determinam a estabilidade ou seu grau de semifixação são mais de caráter semântico e pragmático-discursivo que sintático, como muito freqüentemente propõem os autores que tratam deste tema (Blais, 1993; Pavel, 1993, entre outros).

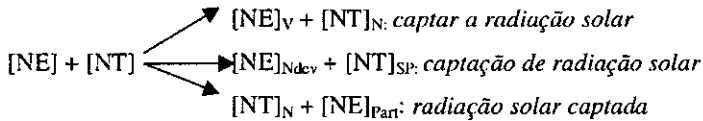
Nessa perspectiva, a UFE adquire valor especializado conforme indicamos na seguinte representação:

² Os exemplos aqui apresentados encontram-se, originalmente, em língua espanhola, pois foram coletados para a tese de doutoramento que a autora desenvolve no momento. Para este trabalho, estabelecemos seus equivalentes em português, uma vez que tanto a caracterização de UFE como os demais aspectos aqui apresentados também se aplicam aos dados da nossa língua.

³ Conforme Domènech (1998) e propostas mais recentes da TCT (Cabré, 2001).

$$[NE]_{UCE} + [NT]_{UCE} = UFE_{UCE}$$

Esta estrutura subjacente pode realizar-se superficialmente em três estruturas:⁴



Outros exemplos podem ser: *captar energia; captação de energia; energia captada; aumentar a temperatura; aumento de temperatura; absorver calor; absorção de calor; calor absorvido; transformar a energia em eletricidade; transformação da energia em eletricidade; energia transformada em eletricidade*, etc. Alguns exemplos de outras áreas podem ser: *instaurar um inquérito; cometer um delito; instalar um programa; salvar um arquivo; restaurar os ecossistemas; reparar os danos ambientais; indenizar os danos ambientais*, etc.

O interesse pelo estudo e coleta dessas unidades foi motivado, durante muito tempo, pelas necessidades práticas de produção de textos especializados, principalmente de sua tradução, uma vez que nem sempre se conhecem ou não se encontram os equivalentes adequados dos co-ocorrentes de determinado termo de uma língua fonte para uma língua alvo, ou seja, não se conhece as UFE de um âmbito específico. Vejamos alguns exemplos do português e do espanhol:

⁴ Em Bevilacqua (1999), se estabelece uma graduação de mais a menos fraseológica para estas unidades. Assim, as unidades cujo núcleo sintático é um verbo (*captar energia*) se situam no extremo de maior graduação fraseológica. Por sua vez, as unidades formadas por um núcleo sintático nominal e um participio adjetivo (*energia captada*) estariam em uma posição intermediária, enquanto as unidades formadas por um núcleo sintático nominal deverbal (*armazenamento de energia*) tendem a estar no extremo de menor graduação fraseológica e, portanto, mais próximos aos termos. Para comprovar o caráter fraseológico desses dois últimos tipos de unidades é necessário levar em conta aspectos como seu grau de lexicalização, o grau de concentração de significado especializado, etc.

<i>Português</i>		<i>Espanhol</i>
fazer / contratar uma apólice	⇒	suscribir una póliza
um feixe de raios se propaga	⇒	haz de rayos se difumina
Digitar um texto	⇒	teclear / digitar / picar un texto

Estes exemplos nos mostram que, muitas vezes, as dúvidas existentes não se referem propriamente aos termos, que podem ser mais facilmente encontrados nos dicionários, mas aos co-ocorrentes que se utilizam com os termos. Nesses casos, embora sejam exemplos aparentemente simples, servem para ilustrar que o tradutor deve saber quais os verbos que acompanham os termos *apólice*, *feixe de raios* e *texto*, posto que juntos conformam uma unidade estável ou com certo grau de fixação sintático-semântica, que é própria de determinado domínio do saber.

Além disso, deverá considerar que, em alguns casos, como no primeiro e no terceiro exemplos, há mais de um verbo e que, para escolher um ou outro equivalente, deverá levar em conta as características pragmático-discursivas do texto que traduz, como o destinatário, os objetivos, o grau de especialização e o registro do texto. Desse modo, no caso do exemplo mencionado anteriormente *digitar um texto*, há a possibilidade de ocorrência de três equivalentes diferentes, mas que não são utilizados em situações comunicativas idênticas, já que *teclear* e *digitar* ocorrem em textos escritos, enquanto *picar* se utiliza praticamente em registro oral.

Portanto, o tradutor e os alunos de tradução principalmente necessitam não só conhecer os termos próprios de um âmbito do conhecimento, mas também seus co-ocorrentes e seus diferentes usos de acordo com as situações comunicativas em que são utilizados. Somente assim poderão utilizar o equivalente adequado a cada situação comunicativa, produzindo uma tradução precisa em termos da área temática e adequada e concisa do ponto de vista lingüístico.

Se as afirmações anteriores servem para justificar a importância do estudo das UFE para a tradução, constatamos que nem sempre estas unidades têm sido analisadas de forma adequada. No entanto, acreditamos que os novos paradigmas teóricos propostos para a terminologia oferecem elementos que permitem pensar, por um lado, em novos elementos ou critérios para seu

reconhecimento e para sua descrição e, por outro, em propostas para sua representação em obras terminográficas.

Dentre estes paradigmas, nos situamos na perspectiva da Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1999, 2001), pelas seguintes razões, entre outras:⁵

1. Considera que, em situações comunicativas concretas, há um conjunto de unidades que transmitem conhecimento especializado. Essas unidades estão representadas mais prototipicamente pelas Unidades Terminológicas (UT), mas também podem ocorrer outras unidades lingüísticas léxicas e não léxicas, como as UFE, que também são responsáveis pela representação e transmissão do conhecimento especializado, constituindo, portanto, um grande conjunto que se denomina de Unidades de Conhecimento Especializado (UCE). Vemos, portanto, a clara inserção das UFE no âmbito da Terminologia, fato que nem sempre é unânime entre os estudiosos do tema. Abre-se, assim, um espaço para unidades que não são exclusivamente léxicas, mas frásticas.
2. A terminologia inclui-se numa teoria da linguagem que incorpora perspectivas complementares, quais sejam, a cognitiva, a social e a lingüística.

A importância desse pressuposto para a fraseologia especializada reside nos seguintes fatos:

- a) a perspectiva cognitiva que incorpora permite investigar a forma como reconhecemos e adquirimos o conhecimento especializado através das unidades que transmitem esse conhecimento e que não são exclusivamente termos.

Nesse sentido, é interessante observar que a identificação das UFE de determinado âmbito pode ser útil para a aquisição do conhecimento em relação a determinada área, constituindo-se, desse modo, como uma etapa de trabalho a mais no processo de tradução. Se tomamos o exemplo de um texto referente à ener-

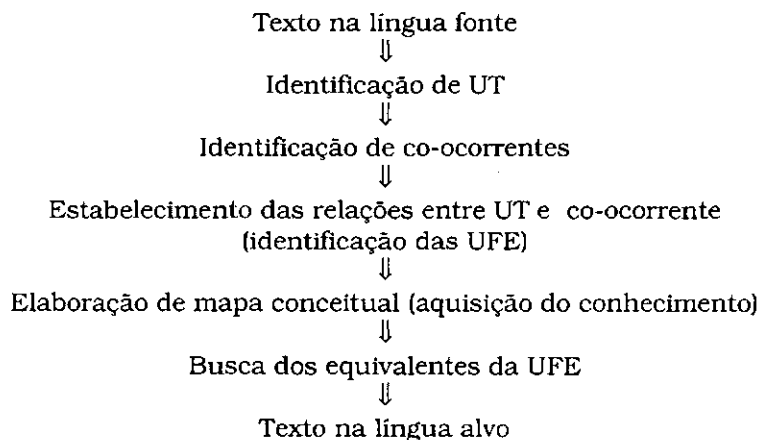
⁵ Ver também Bevilacqua, 1998.

gia solar e identificamos as UFE formadas pelo termo *raios solares*, veremos que com este termo podem ocorrer: *incidir, passar, refletir, absorver, captar, concentrar, etc.* Estaremos, portanto, identificando as ações e processos referentes ao termo *raios solares* e poderemos construir a seqüência de todo um processo que começa com a *incidência dos raios solares* em uma superfície determinada e termina com sua *transformação em energia* (*transformar calor em eletricidade, converter energia em eletricidade*) que, por sua vez, *gera calor* (*produzir energia, produzir calor, etc.*).

A identificação dessas unidades, ou seja, dos co-ocorrentes dos termos bem como das relações que estabelecem entre si, facilita a elaboração de mapas conceituais dos âmbitos dos textos que se pretende traduzir e que servem de base para a compreensão dos fenômenos a eles relacionados.⁶ O estabelecimento dessas relações permitirá também reconstruir seu percurso ao longo do texto, facilitando, conseqüentemente, sua reelaboração ou transposição a uma outra língua.

Podemos dizer, então, que a identificação das UFE ultrapassa o limite do estabelecimento de seus equivalentes e passa a ter uma função cognitiva na medida em que não só permite adquirir conhecimento sobre determinado texto ou âmbito, mas também organizá-lo para, posteriormente, poder reconstruí-lo em um texto em outra língua.

Esquemmatizando esse processo, teremos as etapas seguintes:



⁶ Ver Cabré et al. (2000); Meyer e Mackintosh (1996).

- b) A perspectiva social que inclui permite tratar e descrever a fraseologia especializada, levando em conta os aspectos relacionados às diferentes situações comunicativas (emissor, destinatário, função dos textos especializados, etc.) que influem na conformação e uso das UFE.

Como decorrência desse fato, admite a variação conceitual e denominativa das UT, que, como vimos nos exemplos apresentados no início do texto, também pode ocorrer no caso das UFE (uso em contextos ou registros diferentes para *teclear / digitar / picar un texto* ou *fazer / contratar uma apólice*). Esta variação pode e deve ser detectada e descrita, uma vez que se relaciona diretamente com as diferentes situações comunicativas refletidas nos textos especializados. O conhecimento de variantes para uma mesma UFE e seu uso adequado de acordo com as situações comunicativas em que são utilizadas asseguram a qualidade do texto traduzido.

- c) A perspectiva lingüística permite analisar essas unidades em situações comunicativas reais, ou seja, os textos especializados. Isso implica, por um lado, considerar que os textos especializados são parte da língua natural e não constituem conjuntos fechados, distintos dela, e que, em conseqüência, tais unidades devem ser tratadas como unidades da língua natural. Por outro, pressupõe que para analisar ou descrever as UFE é necessário levar em conta todos os aspectos lingüísticos (gramaticais, semânticos e pragmáticos).

Sobre esta última perspectiva, podemos afirmar que a fraseologia especializada ainda não foi suficientemente descrita e consideramos que uma das razões para este fato é que, em geral, não foram considerados todos os aspectos lingüísticos para descrevê-la e identificar suas propriedades específicas.

Se retomamos os exemplos de UFE formadas pelo termo *raios solares*, poderemos descrevê-las, por exemplo, em relação a seus aspectos sintático-semânticos, identificando sua estrutura

argumental e temática segundo o tipo de verbo (monádico, diádico ou triádico).⁷

Ex: *os raios solares* _{sujeito/tema} **incidem**
as células fotovoltaicas _{sujeito/agente} **concentram** *os raios*
solares _{objeto/tema}

Assim, sua descrição lingüística permitirá identificar, entre outros aspectos, as relações sintático-semânticas que se estabelecem no interior das UFE. No contexto da tradução, esta descrição poderá servir de orientação para estabelecer a comparação em relação à conformação dessas unidades nas diferentes línguas.

As afirmações anteriores nos permitem chegar a duas grandes constatações:

1. As novas propostas teóricas terminológicas, e especificamente a TCT, oferecem alguns fundamentos teóricos que orientam a busca de novos elementos para a identificação e tratamento das UFE como também de outras unidades lingüísticas transmissoras do conhecimento especializado que são de interesse para a tradução. Nesse sentido, acreditamos que a terminologia deixa de ser considerada apenas como uma ferramenta de apoio ao tradutor para converter-se em um dos pilares de sustentação teórico-prática no processo tradutório.
2. As UFE são unidades lingüísticas que, dadas suas características, constituem-se em unidades que exercem um papel importante na representação e transmissão do conhecimento especializado e devem ser reconhecidas e descritas para que possam ser utilizadas adequadamente na produção e tradução de textos especializados.

Com base nas afirmações anteriores, podemos derivar uma série de questionamentos a respeito das UFE e de seu papel dentro da terminologia mono/bi/multilíngue que servem para orien-

⁷ Exemplos deste tipo de análise podem ser vistos em Lorente, Bevilacqua e Estopà, 1998.

tar a implementação de estudos futuros. Entre estes questionamentos podemos citar os seguintes:

1. É importante que os projetos terminológicos mono/bi/multilíngüe incluam a fraseologia como um de seus objetos de estudo?
2. Com que objetivo devemos incluir as UFE em projetos desse tipo? Apenas como uma ferramenta para identificar as relações conceituais dos âmbitos especializados representadas nos textos ou para incluí-las em produtos terminográficos?
3. As UFE devem estar representadas em repertórios terminológicos mono/ bi/multilíngües?
4. Que parâmetros orientam sua inclusão e a forma em que devem estar representadas nessas obras?

Dessas questões se originam aspectos que ainda devem ser trabalhados, entre os quais podemos citar a necessidade de caracterização de outros tipos de UFE que podem ocorrer em textos especializados e que não incluímos em nosso recorte, os formatos para seu registro (fichas terminológicas ou fichas fraseológicas), sua representação na microestrutura dos dicionários, etc.

Além dessas questões, se pensamos que a terminologia também é uma disciplina importante na formação para os futuros tradutores e que nela incluímos o estudo da fraseologia, podemos acrescentar ainda:

1. De que aspectos deveríamos tratar em relação à fraseologia para poder oferecer uma base teórica suficientemente consistente que lhes permita identificar e descrever estas unidades, atendendo suas necessidades específicas de futuros tradutores?
2. Que ferramentas devemos ensiná-los a utilizar para que possam identificar tais unidades no texto da língua de partida e encontrar de forma rápida e eficaz seus equivalentes na língua de chegada?
3. Que fontes utilizar e que procedimentos seguir para assegurá-los de que os equivalentes encontrados são os mais adequados, levando em conta as situações comunicativas?

4. Como devemos registrar estas unidades e as informações a elas referentes para que possam ser recuperadas de forma rápida e eficaz no momento em que se traduz?

Destes questionamentos também se pressupõe a necessidade de não somente considerar a fraseologia especializada como um conteúdo a ser ensinado nas disciplinas de tradução e de terminologia oferecidas nos cursos de tradução, mas também de elaborar-se uma metodologia para desenvolver os conteúdos a ela relacionados.

Embora não tenhamos as soluções para as questões aqui apresentadas e para a superação das necessidades delas decorrentes, acreditamos que as considerações referidas anteriormente servem para aprofundar e ampliar os estudos referentes à fraseologia especializada dentro de uma perspectiva terminológica, visando tanto a sua vertente teórica como prática, bem como para estabelecer novas interfaces entre a Terminologia e a Tradução.

Referências bibliográficas

- BEVILACQUA, C. R. (1999) *Unidades Fraseológicas Especializadas: estado de la cuestión y perspectivas*. [Trabalho de Pesquisa]. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada.
- _____. (1998) Unidades Fraseológicas Especializadas: novas perspectivas para sua identificação e tratamento. *Organon*, 26, vol. 12. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, p. 119-32.
- _____. (1996) *A fraseologia jurídico-ambiental*. Dissertação (Mestrado em Letras) Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BLAIS, E. (1993) La phraséologie. Une hypothèse de travail. *Terminologies Nouvelles*, n.10. Bruxelas, RINT, p. 50-6.
- CABRÉ, M. T. (2001) Sumario de principios que configuran la nueva propuesta teórica. In: CABRÉ, M.T.; FELIU, J. *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica*. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 19-25.

- _____. (2001) Consecuencias metodológicas de la propuesta teórica (I). In: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. *La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica*. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p.27-36.
- _____. (1999) *Terminología: Representación y comunicación*. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada.
- _____. et al. (2000) *És la terminologia un simple instrument d'ajuda a la traducció?* Conferència presentada no I Congresso de Tradução Científica. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Facultat de Traducció.
- DOMÈNECH, M. (1998) *Unitats de coneixement i texts especialitzats: primera proposta d'anàlisi*. [Trabalho de pesquisa] Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada.
- LORENTE, M.; BEVILACQUA, C. R.; ESTOPÀ, R. (1998) El análisis de la fraseología especializada mediante elementos de la lingüística actual. *Anais do VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia*. La Habana, 16-20 nov. 1998. (no prelo).
- MEYER, I.; MACKINTOSH, K. (1996) Refining the terminographer's concept-analysis methods: How can phraseology help? *Terminology: International Journal of Theoretical and Applied Issues in Specialized Communication*, n. 3-1. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, p. 1-26.
- PAVEL, S. (1993) La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. *Terminologies Nouvelles*, n. 10. Bruxelles, RINT, p. 67-82.

